Cod 11232 46

As Musas

Ode Iª.

1.ª

Para quem tu des, Jove Prole eterna,
Nos seus natáes olhares
Com fitos olhos tintos de brandura,
Mal nos seus fulgurar a Luz superna;
E depois de o banhares
Da sonora Hippocrene n'agoa pura,
Nos teus facundos peitos foi criado,
E c'os divinos cantos emballado:

2.ª

Jamais fará seu nome decantado
Nos riscos de Mavorte,
Por quebrantar as iras arrogantes
De atroz Usurpador: faustoso entrando
Pela festiva Côrte,
* No meio das falanges triunfantes;
Croado de palmeira entre mil vivas,
Co'as barbaras Nações atraz captivas.

---

* No meio das Cohortes triunfantes
ou
No meio das fileiras &c.

3.ª

Nem qual Colombo, ou Gama denodado
Irá em fragil quilha,
Demandar do paterno lar distante,
Rasgando o seio de Neptuno irado
Continente, ou nova ilha;
Após droga odorifera e prestante,
Após brilhantes gemmas, claras veias,
Que revolvem auriferas areias.

4.ª

Mas junto ao Lys bordado de boninas,
Que exhallam mil aromas,
Recostado no tronco de um loureiro,
Que nas serenas agoas crystallinas
Enfeita as verdes comas,
Brincando c'o Favonio lisongeiro;
Inspirado por vós, oh Musas bellas,
O seu nome alçará sobre as estrellas.

5.ª

Alli ao som da Tuba bellicosa,
Em rima sublimada,

Cantará os Heroes que triunfárão
Dos annos e da Parca sanguinolenta:
Eco' a invicta espada
As falanges hostis desbaratárão;
Ou dilatando o patrio, ou novo Imperio
Fundando em remotissimo hemisferio.

6.ª

( ) Ou em profícua Scena expondo as gentes
D'illustres Personagens
Tragicos fins, terrificos, injustos,
Tristes fructos de faltas imprudentes:
Ou as doces ventagens
Que co' a morte dos Maos gozam os Justos:
Deste modo ensinando ao povo rude
Que refreie as paixoens, ame a Virtude.

7.ª

Ou como o Jardineiro alimpa a sebe,
Sem que lhe fira o grono,
Na figura de buxo, ou de folhedo,
( ) Os torpes ramos que a vicejam toda:
Tal este Alumno vosso

C'o gume do ridiculo afiado,
Decotará no Comico exercicio
Dos nossos corações o feio vicio.

8.ª

Mas se a Musa do Myncio mais se inclina,
Ou á do flavo Ismeno
Vello-hemos, entre Nynfas, e Sylvanos,
Ora na doce frauta campesina
Cantar Tytyro e Alméno,
Que no Saturnio Imperio longos annos
Pelas veigas de arroios retalhadas
Alegres pastorárão as manadas.

9.ª

Ora na eburnea Lyra altisonante,
Em metros peregrinos,
Louvar os Deozes, e os Heroes valentes;
E o rubido Thioneu co'a turba ovante
Dos Satyros caprinos,
Dando uivos, e sylvos estridentes,
E nos copos nadando em alegria
Affogando a cruel Melancolia.

10

Oh Tocha ardente! Oh santa Poësia!
A V.e ( ) Na noite do Passado
A Virtude co'a Inercia adormecida
Desperta a tua luz, e traz ao dia.
A ti só dá o Fado
Guiar á Eternidade merecida
Hum nome illustre, affugentando a treva,
Que invejoso o Olvido em torno eleva.

11

Não nos deixeis, Oh Musas, poderosas
De dar aos peixes mudos
A terna voz de hum Rouxinol canoro;
Por verdes, que as orelhas escabrosas
De mil selvagens Rudos,
Não podem abrandar do vosso Coro
As suaves Canções esclarecidas:
Não produz só a Frygia avaros Midas.

12

Por vós o resplendor da nossa idade,
Vosso Alumno mimoso,
Filinto o Vate, e Coryolon divino
Me instruem sempre em candida amizade.

E por vós glorioso,

( ) Bramindo em vão o Zoilo serpentino,
Meu nome voará de gente em gente
( ) Honrando o Patrio Ninho eternamente.

~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~

( ) Veja os Cap. V. VI. XIII. da Poet. de Aristot. e as Not. e Comment. de Dacier, e Paulo Benio aos mesmos.

(g) Paulum sepultae distat inertiae
Celata virtus . . . . Hor. Lib. IV. Carm. Ode IX.

( ) Serpentino, a. coiza maliciosa, calumniadora, cavilloza &c. Fr. Luiz de S. Vid. do Arceb. Livr. I pag. 128: fallando do Demonio: „ Temos hum inimigo muito velho, serpentino, e ardiloso. „

( ) Patrio Ninho; desta perifrase usou Camões Cant. I dos Lus. Est. 10: Vereis amor da patria nom movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno;
Que nom he premio vil ser conhecido
Por Eu pregam, do ninho meu paterno.

Cod 46
11232